

CUBA: CULTURA E PODER



Olga C. Garcia

Introdução

Uma das dificuldades principais de escrever sobre Cuba é a polarização das opiniões. Escreve-se a favor ou contra. Assim, não existe a possibilidade nem o interesse em conhecer como vive e o que pensa o povo cubano. Esta visão, hoje, não somente está relacionada com o papel e a alternativa que Cuba significou, durante alguns anos, para a América Latina — refere-se, aqui, a fatores como a possibilidade de circulação social, graças, sobretudo, à educação gratuita e universal, estágio ainda não alcançado pelos demais países latino-americanos —, como também à política impositiva norte-americana, responsável pela injusta permanência do bloqueio econômico contra Cuba.

No entanto, os cubanos que permanecem no país e os que migraram sabem que o problema de Cuba é muito complexo, e que não pode explicar-se simplesmente pelo prisma da relação entre Estados Unidos e Cuba. Sem o diálogo entre os cubanos da Ilha e os do exílio, o problema de Cuba continuará (será lamentável se a mediação couber aos Estados Unidos). Porém, o diálogo tem sido obstaculizado pelas posições extremas de dentro e de fora que exacerbam os medos às conseqüências do que poderá vir a ocorrer com a conciliação.

O mais grave disso tudo é que o medo às violências e as proclamadas vinganças de grupos extremistas migrados de Miami são o contrapeso às aspirações democráticas do povo cubano no país, apesar de que o prolongamento da situação trará conseqüências mais graves. As diferenças entre o discurso polí-

tico e os sentimentos, as idéias, as aspirações e os desejos do povo vão se aprofundando, na medida em que estes são soterrados e reprimidos.

O acréscimo das desigualdades sociais coloca em pauta as reivindicações daqueles mais afetados pelas mudanças no país. Uma das mais graves contradições sociais na Cuba de hoje é a discriminação racial. Contrariamente aos ideais decorrentes da Revolução de 1959, o preconceito e a discriminação do negro vão aparecendo com suas cargas negativas. Tome-se por exemplo o caso da prostituição. Percebe-se que o gigolô branco sempre propõe prostitutas brancas aos turistas, ao passo que o preto propõe negras ou mulatas mais escuras. Os intelectuais e profissionais negros afirmam que eles são excluídos, propositalmente, por causa da cor de sua pele, do mercado de trabalho no turismo aberto pelo capital estrangeiro. Aparentemente, a violência racial não passa de violência verbal. No entanto, atribuem-se sempre ao negro as atividades delituosas. As expressões naturais na fala popular " Tenía que ser negro" , "el negro sino la hace a la entrada la hace a la salida", "todos los negros son ladrones" ferem a sensibilidade de qualquer pessoa na Havana de hoje. Penso que o grande paradoxo reside em que o mesmo Governo que há trinta e sete anos abriu as possibilidades ao homem negro, ao fechar a dinâmica espontânea dos grupos, desenvolveu as condições de um racismo ainda pior. Não existe diálogo entre setores diferenciados na sociedade; todos, supostamente, devem encontrar-se mediados pelo discurso homogêneo que os interpreta. A discriminação da mulher é outro dos graves problemas de conseqüências imprevisíveis. O machismo implícito no discurso autoritário trouxe à tona, para conter as inquietações de algumas mulheres, as acusações de que constituíam manifestações de histeria, doenças nervosas, próprias do gênero. Aquele discurso de natureza igualitária que, em 1959, privilegiou a entrada da mulher em alguns postos de trabalho foi

acompanhado de uma ainda maior subordinação. As dificuldades da vida quotidiana contribuíam também para isto. As mulheres mais confiáveis, seguras, equilibradas e firmes são aquelas sempre próximas à figura política do marido, pai, irmão e outros. Qualquer tentativa de discussão do assunto ficou restrita ao âmbito intelectual.

Cultura e política cultural

Antes de começar qualquer discussão sobre cultura, uma das questões mais importantes é partir do alcance deste conceito, procurando confrontá-lo com os usos que freqüentemente dele se fazem. Em geral, em Cuba, cultura é identificada como política cultural, quer dizer, a política orientada de 'cima', pelo Estado; no entanto, este conceito de cultura não abrange os fatos culturais que acontecem nas relações entre os homens e que exprimem os valores, os afetos, os sentimentos que orientam os modelos de comportamentos e as formas de vida. O sentido das manifestações culturais em Cuba aponta para uma visão plural, que pode tender a um projeto alternativo que a considere.

A reflexão sobre o conceito de cultura no espaço cubano permite passar do universalismo ao particularismo e, o que é mais importante, aproximar-nos da questão da pluralidade cultural cubana, hoje.

A cultura é expressão particular, no tempo e no espaço, dos sujeitos históricos. É a maneira pela qual os homens, nas suas práticas, vão definindo suas respostas culturais, com a carga simbólica do acontecido (no passado) e a noção de espera (no futuro) no trabalho, no lar, na rua.

Mas, em Cuba, o modelo cultural, elaborado a partir do poder do Estado, concebe o perfeito funcionamento verticalizado das estruturas e das instituições, considerando os homens

sujeitos ideais, cujos valores se ajustam aos do discurso político do Governo. Os desajustes na sociedade e as rupturas provocadas pela resistência dos agentes históricos são analisados pelo poder como inadaptação, marginalidade (a anomia de que fala Durkheim).

A indústria do turismo tem tido um efeito pulverizador na sociedade, devido às circunstâncias em que se colocou o seu desenvolvimento. Em meados da década de 80, o Governo cubano começou a estimulá-la, após trinta anos de abandono. A urgência pelo dólar converteu tudo em mercadoria. Algumas manifestações culturais, ligadas à religiosidade negra, foram incorporadas ao modelo cultural do Governo pela via do mercado. Isto acabou por separar as práticas culturais de seu contexto simbólico. As necessidades insatisfeitas da população estendem estas práticas de mercantilização da cultura, devido à busca do ansiado dólar, após a legalização desta moeda em julho de 1993.

Uma visão da sociedade cubana através da cultura

Bloqueio Interno

Em Cuba, o modelo cultural do Governo não se renova, já que não são aceitas as respostas culturais procedentes das dinâmicas sociais e considera-se 'doença' qualquer uma de suas expressões autônomas. Na rígida interpretação do discurso oficial, a amputação da parte doente, aquela que não se ajusta ao modelo, levará ao restabelecimento da normalidade do corpo social.

Propomo-nos sair desse modelo e estudar as formas que adotam as tendências de resistência dos movimentos sociais, as

respostas culturais que vão conformando aquelas identidades não reconhecidas pelo Estado. Não há dúvida que existe uma forte pressão plural que busca a participação real, e não apenas a ideal, do modelo. Uma participação, enfim, que aspira à autonomia da sociedade civil.

Uma leitura mais atenta das reivindicações colocadas pelas Assembléias do IV Congresso do Partido Comunista de Cuba, no ano de 1989, revela as aspirações democráticas do povo:¹ eleição direta pelo voto secreto dos dirigentes do poder popular em todos os níveis — municipal, provincial e nacional² —, reabilitação do mercado livre camponês³ e separação entre Partido e Administração. Levada às suas últimas conseqüências, esta última significa a desestatização do Partido Comunista de Cuba.

A análise da sociedade cubana, perpassando a cultura, permite estudar o sentido incorporado pelos sujeitos históricos nos fatos e não a significação que de fora incorporamos a eles. Assim, as práticas que, do ponto de vista da subjetividade do cientista social, podem aparecer como negativas, sob a perspectiva dos valores dos agentes sociais, estão carregadas de uma outra ética, oculta pela suposta 'falta de ética'.

Quando o caminho das discussões das Assembléias do IV Congresso do Partido foi fechado em meados de 1989, as

¹ Nas Assembléias do IV Congresso do Partido Comunista participaram todos os trabalhadores partidários ou não. O Congresso do Partido, cuja convocação foi fixada para o ano 1990, realizou-se em finais de 1991, com delegados nomeados e não eleitos pelo povo.

² Somente no nível de bairro são eleitos os delegados do poder popular.

³ A política do Governo para os camponeses provocou graves desajustes na economia e, sobretudo, a escassez de alimentos. Foram fechados os mercados livres camponeses e proibida a venda ao povo. Somente após a legalização do dólar, foi permitida a venda livre, provocando que os preços sejam determinados pela moeda estrangeira.

respostas (as resistências ao modelo cultural que se exprime no discurso político) tiveram que adotar múltiplas formas, e, ainda que muitas delas sejam desagregadoras, existe algo em comum que as identifica: a impugnação por meio de práticas sociais que vão tomando consciência das violentas diferenças sociais entre uma minoria que tem todos os direitos e uma grande maioria que, para sobreviver, tem que contestar o modelo e viver na ilegalidade. Com a crise econômica, o roubo à propriedade do Estado, prática que foi desenvolvendo-se devido à rígida centralização do modelo imposto e pelo exemplo da vida privilegiada dos dirigentes e suas famílias, converteu-se num meio de sobrevivência. As usinas fechadas, as máquinas deteriorando-se ou submetidas a um ritmo muito baixo de produção, os restaurantes dos dólares (para turistas estrangeiros e aqueles cubanos favorecidos em posições-chaves da economia, da política e da cultura) e até as pobres lanchonetes para a população transformaram-se em focos de saque: tudo o que pode ser vendido por dólares no mercado negro a preço muito alto ou ser trocado por alimentos desaparece. Além do roubo à propriedade estatal, ocorrem o desinteresse pelo trabalho e a apatia desenvolvida pelo excesso de controle, inibidores das iniciativas individuais. Neste momento, um exemplo contrastante é oferecido pelos denominados *paladares*, restaurantes com um magnífico serviço, que demonstram a capacidade da iniciativa privada em face da estatal. Porém, não se trata aqui de questionar a propriedade estatal em geral, senão da que fica sob o signo do autoritarismo e da corrupção. Em relação à crise da administração do Estado, um taxista colocava: "Aqui todo es un fingimiento, nosotros fingimos que trabajamos y el Gobierno finge que nos paga salários." Uma anedota revela as conseqüências aberrantes da direção estatal. O começo da colheita da safra açucareira é determinado pelo Ministério do Açúcar, situado em Havana, a mais de 1000 km das mais importantes usinas de açúcar das províncias orientais do

país. As chuvas podem afetar a cana, que tem que ser moída no dia fixado pelo ministério, ainda que os operários e técnicos na usina saibam que isso significa uma grande perda do açúcar. Ante meu protesto, um técnico respondeu-me: "Si yo desacato al Ministerio y las cosas salen bien es el Ministro el que se lleva todas las glorias, si sale mal, yo soy el culpable y pierdo mi puesto."

Os movimentos, as dinâmicas de setores, de classes e de grupos da sociedade são a expressão dos processos de identidade cultural que vêm formando-se em torno de comportamentos e sentimentos que nascem e se desenvolvem entre eles. Mas, ao não ter um canal de expressão devido à inexistência de autonomia da sociedade civil, esse processo de identificação vê-se sustado, obstaculizado, negado pelo modelo cultural imposto pelo Estado. A impugnação somente chega por meio de práticas sociais que levam implícitas, muitas delas, a perda da auto-estima; apesar disso, vão criando uma consciência de pertencimento, ao compartilhar as mesmas experiências. Grande parte da sociedade cubana está vivendo nos níveis mínimos de sobrevivência, nos limites da fome. O violento processo de diferenciação social, nascido e desenvolvido pelas mudanças que Cuba tem incorporado para integrar-se ao capitalismo mundial, tem possibilitado que uma minoria vinculada ao aparelho do poder se enriqueça.

Quando o governo cubano decidiu buscar divisas mediante o turismo, começou a grave crise na auto-estima do cubano. Criou-se um verdadeiro *apartheid* do povo cubano com a conversão dos hotéis nas cidades e das melhores praias em área-dólar. Se antes da Revolução o acesso a algumas praias era exclusivo da burguesia, hoje freqüentam estes espaços a elite governante, alguns artistas e intelectuais, homens de negócios, todos beneficiários do poder, aliás algumas prostitutas. O cu-

bano que ganha seu salário no desvalorizado peso cubano, mesmo após a legalização do dólar no país, não pode freqüentar os espaços de dólar, por não possuir a moeda estrangeira que age como 'abre-te-sésamo' de todas as portas. Este aspecto tem as mais graves conseqüências, se pensarmos que o grande triunfo da Revolução se deveu ao acréscimo da auto-estima do cubano; sua dignidade restaurada, em face das freqüentes imposições do governo dos Estados Unidos. Esse foi um dos elementos que mais contribuíram para a obtenção do consenso diante da política agressiva dessa potência.

O problema ganha importância quando se percebe que a identidade cultural está relacionada com a idéia de um "em *si para si*" em face do *Outro*, com a autoconsciência da autonomia em face dos que não são o Mesmo. Pode-se continuar caracterizando o Estado cubano, o poder de uma minoria, como uma unidade com a sociedade civil? Diante desta complexa relação, qual pode ser o papel do intelectual? Em face de qualquer agressão militar estrangeira — eventualidade cada vez mais improvável —, o povo cubano se unirá, mas terá a mesma capacidade ante as cada vez mais prováveis agressões culturais, quando a formação de identidades culturais enfrenta obstáculos, quando se estendem as práticas desagregadoras individualistas de "salve-se quem puder", ao não poderem constituir-se as resistências em movimentos autônomos?

O Estado cubano parte do pressuposto de um país em que todos são iguais, mas as medidas que dita aprofundam mais ainda as diferenças sociais. Ultimamente, para limitar o valor circulante de pesos cubanos e diminuir o preço do dólar no mercado negro, o Estado tem criado impostos sobre os salários e a obrigatoriedade de que muitos dos serviços sejam pagos (já as creches são pagas desde alguns anos). Esta medida agrava a situação dos menos favorecidos, os que vivem na penúria. Os

que vivem do salário, no desvalorizado peso cubano (o salário mínimo é de 104 pesos cubanos, que equivale a pouco mais de três dólares), os aposentados (percebem 60 pesos cubanos); no entanto, a burocracia, com seus milhares de negócios às custas das necessidades mais peremptórias, vende, a preços inacessíveis para a grande maioria, os artigos que desvia para o mercado negro, os alimentos e qualquer produto de primeira necessidade.

Mais cedo ou mais tarde, o Governo de Cuba terá que aceitar a democratização do país. Diante desta perspectiva, cabe perguntar: será que o povo cubano, após tantos anos sem poder exprimir sua identidade, será capaz de reconhecer o papel decisivo das grandes corporações econômicas nas medidas que atingirão a todos? Será que não acreditará na panacéia do capitalismo, quando um regime de desigualdade germinou sob o signo do socialismo? Não verá nas minguidas reivindicações da democracia representativa do capitalismo — minguidas pela menor capacidade que tem a população de agir e participar — uma grande conquista? E, ainda mais grave, não será a frustração propícia à formação de muitas gangues, não existirá o perigo de que essas contradições e diferenças na sociedade sejam estimuladas pelos setores mais reacionários de Miami?